Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.7, 2023
ISSN 2178-6925

IGUALDADE E DIFERENÇA NA FORMAÇÃO DE SUBJETIVIDADES

EQUALITY AND DIFFERENCE IN FORMING SUBJECTIVITIES

Mateus de Freitas Barreiro

Doutor e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências – Câmpus de Marília – UNESP. Atua como Psicólogo, Professor colaborador e Supervisor de estágios na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Câmpus de Assis – UNESP.

Matheus Estevão Ferreira da Silva

Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências – Câmpus de Marília – UNESP.

Ricardo Francelino da Silva

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências – Câmpus de Marília – UNESP – Université Luminère Lyon, Mestre em Psicologia pela UNESP/Assis.

Resumo

Este ensaio apresenta a discussão de como determinadas concepções de ser humano difundidas na América Latina, podem exercer implicações na formação de subjetividades, mediante a disjuntiva da igualdade e diferença, bem como os desdobramentos sociais que tais posições podem carregar. A fim de compreender os labirintos da igualdade e da diferença na dimensão humana, será discutido como os pensamentos binários são construções sociais que categorizam o outro, mediante uma tensão entre um polo positivo e polo um polo negativo.

Palavras-chave: igualdade; diferença; subjetividade.

Abstract

This presents the discussion of how determined with the reception of human beings widespread in America, they can play roles in the formation of subjectivities, through a disjunctive of equality and difference, as the social unfolding that such attempts can carry. In order to understand the labyrinths of equality and difference in the human, it will be discussed how binary thoughts are social constructions that categorize the other, a dimension between a positive pole and a negative pole.

Keywords: equality; difference; subjectivity.

Introdução

O tema sobre as diferenças entre os seres humanos foi discutido por muitos séculos, sendo um debate que faz parte de domínios como os da filosofia, educação, biologia, psicologia, antropologia, entre outros. A partir da modernidade, ocorreram mudanças de concepções sobre o mundo que romperam com o medievalismo, tendo frutos em paradigmas fundamentados na noção de ordem, progresso, verdade, razão e objetividade, incluindo uma crença no progresso linear da evolução da humana. Acreditou-se que o homem, fruto de lutas históricas e sociais, seria livre e emancipado com o desenvolvimento da modernidade. No entanto, não se eliminou a dominação do homem por outro homem, sobretudo ao analisar os reflexos da colonização que perduram até os dias de hoje.

Entender e encaminhar soluções para a ausência de pensamentos críticos na atual conjuntura cultural, bem como para a multiplicidade de suas causas implícitas, tem sido um desafio enfrentado por grande número de estudiosos da educação em várias partes do mundo, uma vez que este não é um problema apenas do Brasil. As incertezas sobre os rumos do mundo moderno e os efeitos dos discursos a respeito da igualdade e da diferença, estimulam a busca de discussões sobre a igualdade de direitos em uma sociedade desigual, levando em consideração a capacidade de se ter empatia com o outro. Uma das características em torno das noções de igualdade e diferença, consiste nos fundamentos teóricos utilizados para se argumentar, assim como nas interpretações em torno de seu significado em um determinado contexto. Por intermédio do diálogo e de saberes diversificados, as pessoas atuam sobre a realidade, conservando ou modificando suas práticas. Quando se trata das formas de produzir conceitos como igualdade e diferença, o tema da origem ou do fundador costuma estar ligado às datas históricas ou sistemas de doutrinas, assim as tentativas em delimitar o fundador de um saber, servem como modelos explicativos para aferir separações e aglutinações Segundo Michael Peters (2000), a noção de diferença tem sua origem em Nietzsche, em Saussure e em Heidegger; com efeito, se há um elemento que distingue o pós-estruturalismo dos demais sistemas de pensamentos, é a noção de *différence* [diferença] que é desenvolvida por diversos autores e aplicada sob formas variadas (PETERS, 2000). Além dos precursores do pós-estruturalismo, Peters (2000) sustenta que este movimento é uma complexa trama, formada por diferentes correntes que atualmente se difundiram em gerações

(feministas, pós-colonialistas, psicanalistas, neofoucaultianos, neodeleuzianos, neoderrideanos) que procuram constituir e aplicar o pensamento em experimentos e mutações de teoria, porque o pós-estruturalismo é uma obra que tem sua continuidade (PETERS, 2000). No que se refere ao conceito de diferença, logo no resumo do artigo, Bueno (2017) sugere que se apresentam duas importantes e radicais possibilidades de abordagem do tema da diferença. A primeira é a do pensamento de Adorno, que concebe a diferença sob a perspectiva da dialética negativa, sugerindo com isto, uma crítica interna das estruturas da racionalidade. Essa crítica propõe induzir a processos de autorreflexão sobre os componentes deteriorados da racionalidade, que intensificam a regressão à barbárie. Outra é a do pensamento deleuziano, que supõe uma crítica exterior à razão, particularmente sobre às ambições universais da identidade (BUENO, 2017). Com efeito, além da crítica de Deleuze sobre as ambições universais da identidade, o pensamento deleuziano propõe que a univocidade do ser, nada mais seria que uma síntese da multiplicidade, uma síntese que gera um território de igualdade, na qual compartilham a diversidade.

Desse modo, o debate entre as dicotomias como igualdade ou diferença, particular ou universal, deve se ter cuidado com os conteúdos e os propósitos que cada posição visa estabelecer. Segundo Adorno (1984), a dimensão da universalidade tem que ser mais bem aprofundada, para que não se torne um privilégio de um tipo de racionalidade, visando o desaparecimento de todos os sujeitos particulares e, portanto, da subjetividade (ADORNO, 1984). Neste sentido, seria preciso cautela ao defender a igualdade ou diferença, se afirmando sempre na destruição de seu oposto, sem se preocupar com as implicações que tais noções carregam.

Atualmente, pouco se discute sobre as consequências na formação dos processos de subjetividade que os discursos da igualdade ou diferença tem na sociedade. Diversos pensadores teceram críticas sobre a cultura Iluminista que preconizava uma lógica una, fundamentada na razão universal. Contudo, os movimentos Iluministas tiveram relação direta com a Revolução Francesa, que pregava a “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” como proposta para romper com o absolutismo presente em toda a Europa. Todavia, um dos problemas, era que a razão deveria ser exercida por homens considerados iluminados, o que demandaria, um longo percurso para ampliar o acesso à educação emancipadora. Um dos questionamentos, seriam se estes princípios universais, serviram

para compreender outras culturas, como no caso dos povos originários da América Latina e das diversidades regionais do Brasil.

Os primeiros colonizadores europeus da América Latina, sustentavam a falsa ideia de *descobrimento* de uma nova terra, uma terra que estava habitada por povos ancestrais. A expressão "descoberta" da América Latina, carrega um sentido de apropriação sobre algo que é novo, um domínio sobre bens naturais, sociais, culturais, simbólicos e psicológicos. O ensino sobre o reconhecimento de um pensamento originário da América Latina é muito produtivo para compreender a noção de diferença, sobretudo ao debruçar-se nos estudos que contribuíram para reconhecer a autenticidade das culturas locais. Rodolfo Kusch, filósofo e antropólogo argentino tem trabalhado com a noção de *geocultura* e formulou críticas sobre o "logocentrismo" de influência europeia que dominou a interpretação sobre os saberes do homem latino-americano. Nesse processo o autor recorreu à antropologia para observar as culturas indígenas do altiplano andino e dos campesinos, partindo de um olhar para entender um saber local, que a filosofia logocêntrica não conseguiu assimilar fora de sua própria lógica.

O antropólogo e filósofo argentino, Rodolfo Kusch em seu primeiro livro de 1953, *La seducción de la barbarie: análisis herético de un continente mestizo*, o autor investigou a relação entre duas racionalidades presentes na América: o ocidente, centrado no *ser*, no *ente*, no objeto, e por outro lado, havia o pensamento indígena, focado no *estar* e no *hábitat*, este tipo saber indígena sempre foi negado pela cultura erudita e por muitos acadêmicos (KUSCH, 1953). Em diversas obras de Kusch, o autor mantém um debate crítico com a filosofia de Heidegger, elucidando que o *ser* ocidental, entendido enquanto *Dasein*[1], planifica as diferentes culturas, enquanto o *estar* é o significante que melhor representa a relação da extensão do indígena com a natureza.

Esta ideia de um sujeito autoconsciente e detentor da razão universal, como também preconizava a concepção humanista de Descartes e Kant, foi radicalmente questionado pelos pensadores da "filosofia da diferença". Assim sendo, no pós-

[1]Heidegger (2005) explicou como desconstruir o acervo da antiga metafísica, legado pela tradição grega. Deve-se proceder essa destruição, iniciando pela questão do ser, até se chegue às experiências originárias que foram obtidas as primeiras determinações do ser, recolocando o ser nos limites do tempo. (HEIDEGGER, 2005. p. 51). O pensamento de Heidegger, visava dar um novo sentido a questão do ser, partindo das experiências originárias dos pré-socráticos, tendo como os principais expoentes Heráclito e Parmênides. Esta leitura hermenêutica de Heidegger, teve o propósito de retomar os gregos, no sentido de apropriação, decomposição e reconstrução da história com vistas à experiência originária que as gerou. Esta noção que alguns gregos tinham do ser, nos termos de Heidegger, deveria ser desabrigada por uma ontologia do ser, originária de uma existência concreta no tempo, entendido pela expressão "*ser-no-mundo* (*Dasein*).

estruturalismo não existe uma única estrutura de pensamento, mas existem múltiplas estruturas que abarcam diferentes tipos de discursos e agenciamentos de desejos que emergem a diferença, ou ainda, esta estrutura pode ser indeterminada. Neste sentido, a ideia de uma representação unificada é falsa, mas a compreensão de algo, depende de uma percepção sensível e, menos de um pensamento representativo. Outra crítica relevante que Deleuze faz em relação ao pensamento representativo, se encontra na obra "Proust e os signos" (1987), em que o signo é concebido como algo que exerce uma ação direta sobre a esfera psicológica, sem a mediação da representação, assim os signos são emitidos por matérias, objetos, pessoas, mas não são formas, objetos ou sujeitos.

Mesmo que um exercício analítico seja indispensável, conceitos filosóficos universais não podem centralizar o saber sobre as culturas, no sentido de objetivar outros povos, visto que isto não seria crível para atenuar os problemas entre diferentes identidades. O racionalismo como única via do entendimento de outras culturas, descamba sempre para o ineficaz caminho que conduz o método da dedução de pressupostos universais a todas as formas ser.

A diferença como um modo de se adaptar a normalidade

A proposta de problematizar o conceito de diferença, deve se considerar, a conotação relacional entre as diferentes formações sociais e seus efeitos na formação da subjetividade de cada sujeito. Esta análise, dependeria da cultura que se pretende conhecer, isto colocariam em cena, temas que intersecionam os padrões de normalidade de cada cultura, nas quais são constantemente explicitados de formas duais. Cabe retomar, a perspectiva de Peter Sloterdijk (2012b), ao enfatizar que as culturas são construídas com um imaginário baseado em posições dicotômicas, na qual há uma posição que geralmente é preponderante sobre a outra, e para sair deste jogo de tensão, é preciso uma postura ascética para evitar a deterioração do homem. O pensamento de Sloterdijk (2012) dá um passo além; ele sustenta que um dos polos, é socialmente atribuído um valor mais alto do que outro. O primeiro torna-se um atrativo, o segundo emerge a função de grandeza negativa a ser evitada, exercendo sobre o homem, uma influência orientadora para pensar e agir, fundamentada em uma tensão permanente entre polos negativos e polos positivos (SLOTERDIJK, 2012).

Peter Sloterdijk tornou-se um dos filósofos mais conhecidos dos últimos 30 anos, após a publicação de seu livro *Crítica da Razão Cínica,* em 2007. Desde então, as ideias deste filósofo têm estado presentes, nas discussões polêmicas com Habermas, e em debates políticos com base em suas análises filosóficas sobre economia, biotecnologia e ética. As discussões públicas disseminadas pelas mídias podem ser consideradas importantes para Sloterdijk, por trazer contribuições críticas à sociedade. No livro *Has de cambiar tu vida*, referente ao capítulo "*Sólo los lisiados sobrevivirán la lección de Unthan",* trata-se da história, de um menino chamado Unthan (1848-1929) que nasceu sem os braços e, aos seis ou sete anos, descobriu a habilidade de tocar violino. O menino desenvolveu uma técnica de tocar o violino apenas com os pés, sendo aclamado por músicos como Johann Strauss e Franz Liszt. No entanto, Sloterdijk faz uma advertência de que o heroísmo de Unthan é uma modalidade de heroísmo para adentrar nos parâmetros da normalidade, acabando por se converter em um prêmio para a sua anormalidade. Desse modo, fica constatável a excentricidade patológica se converte no pressuposto de uma adaptação exitosa (SLOTERDIJK, 2012b).

O caso de Unthan oferece diversos elementos para se refletir sobre a inclusão do sujeito na sociedade ou em uma sala de aula, mediante ações equitativas no acesso à bens públicos. No âmbito educacional, para se chegar a uma condição de alteridade na escola, é preciso primeiramente reconhecer as desigualdades sociais, psicológicas entre outras, tendo em vista que negligenciar as diferenças para inclusão do aluno não se chegará a lugar algum, assim como analisar a diferença sob o espectro da normalidade e dos pensamentos hegemônicos também incidirá em outro problema. É fundamental que o aluno não seja desvalorizado pelas suas diferenças, mas os educadores devem estar preparados para trabalhar essas diferenças de forma produtiva, em um movimento empático, pois assim as tensões verticais como do normal *versus* anormal, podem ser avaliadas sob uma postura ascética.

Para entender os problemas encobertos da modernidade, Sloterdijk também utilizou a noção de clareira (*Lichtung*) para atingir maior profundidade e desprender um significado sobre as razões de se pensar cinicamente. O filósofo da crítica da razão cínica buscou esclarecer significados não acessíveis à razão através de uma releitura sobre diversos pensadores que abordam temáticas relacionadas ao cinismo, ou diferentes modos de pensar que auxiliem desvelar a realidade.

Merece destaque o estudo do fenômeno do cinismo realizado por um aluno de Freud, Edmund Bergler em *Zur Psychogie des Zynikers* I (Para a psicologia do cínico), interligado diretamente com a psicanálise. Bergler sustenta que o cinismo é um dos modos pelos quais os homens com ambivalências afetivas em demasia (ódios-amores; venerar-odiar, etc.) criam um meio de transporte psíquico; uma "solução" cínica que se encontra no mesmo nível dos mecanismos neuróticos clássicos como as defesas histéricas, melancólicas, compulsivas, paranoicas e criminais (SLOTERDIJK, 2012). Sloterdijk recorre, muitas vezes, ao conceito de inconsciente para esclarecer não apenas o cinismo em si, mas também para demonstrar como este fenômeno ocorre de forma consciente e inconsciente de acordo com cada conjuntura cultural (SLOTERDIJK, 2012). Sob esta perspectiva, toda reflexão se depara, por mais sutil que isto possa acontecer, com o conceito de inconsciente[2] ou com estruturas mentais não cognoscíveis.

A apropriação de alguns discursos que preconizam a igualdade ou a diferença também pode ser compreendida por meio dos mecanismos de defesa inconscientes, bem como a crítica do cinismo para o sujeito olhar para as razões e sentimentos que o levaram a se apropriar de uma ideologia. Além das diversas noções de esclarecimento sobre a interpretação da realidade por estruturas inconscientes ou outras formas de pensar, o cinismo carrega outro aspecto que vai além da não conscientização sobre algo pelos sujeitos da modernidade, tendo em vista que o indivíduo, mesmo tendo clareza sobre algo, não desenvolve críticas sobre os pensamentos hegemônicos por conveniência.

Os modos de produção do conhecimento, advindos da racionalidade contemporânea, não são incólumes de ideologias, tampouco apenas de uma consciência alienada que remeteria a uma incapacidade de entendimento sobre as estruturas históricas e sociais que circulam em torno do conhecido e da consciência psicológica sobre a realidade. De acordo com Safatle (2008) para lançar outras perspectivas sobre o conceito de alienação, o filósofo Sloterdijk afirma que o cinismo é algo como uma *ideologia reflexiva* ou ainda, uma *falsa consciência esclarecida*, que é resultante de uma época em que se compreende muito bem os pressupostos ideológicos da ação, mas que não se encontra muita razão para reorientar a conduta (SAFATLE, 2008). Neste sentido,

[2] Freud recorreu a outras técnicas para incorporar seu conceito de inconsciente, tais como atos falhos, sonhos entre outras, que foram devidamente sistematizadas com o intuito de aplicá-las estritamente no campo clínico. É possível reiterar que Freud não visou uma *redução completa* da filosofia à psicanálise, pois ele admitia a existência de problemas conceituais que sua ciência coloca, mas que sozinha não é possível resolver (LOPARIC, 2001).

os detentores dos discursos hegemônicos cada vez menos temem as críticas, pois já existem justificativas prontas para atacar aquele critica.

Com efeito, a ausência da crítica é um tema pertinente no que concerne ao campo pedagógico. A pesquisadora americana Sherry Turkle, psicóloga pela Harvard University e psicanalista discípula de Lacan, atualmente professora em Estudos Sociais, Ciências e Tecnologia do MIT visou trabalhar a relação entre psicanálise e cultura, e é responsável por inúmeras pesquisas nos estudos sobre a influência da tecnologia nas relações humanas há mais de trinta anos. Para esta autora, a internet e as tecnologias tornaram-se um poderoso objeto que evoca o indivíduo a repensar a sua identidade; trata-se de um objeto que encoraja as pessoas a reformar o sentido do eu em termos de janelas (TURKLE, 2004). Por outro lado, a internet e a tecnologia são ferramentas poderosas de alienação, a superficialidade das informações e modo como são reproduzidas, os sujeitos a um estado de semi formação ou até mesmo de barbárie.

Nas escolas, as redes sociais poderiam ser um recurso de aproximação entre a escola e o aluno, para estimular reflexões sobre a ética e o cinismo que estão presentes dentro desses canais de comunicação que usualmente retratam, não mais uma dualidade entre “o ser e ter”, mas este preceito foi transposto para atitudes narcísicas, o que simboliza o desespero das pessoas em evidenciar o que não é, precisando se identificar com ideologias violentas, por sofrerem vários tipos violências simbólicas e vazios existenciais.

A diferença como formadora de subjetividade nos processos sociais

A crítica de um entendimento focalizado na hierarquização de culturas e valores morais, coloca-se como fundamental problematizar o processo da diferença no sentido do desenvolvimento da consciência de que existe uma multiplicidade de paradigmas, constituindo parte das atividades legitimadas na sociedade. Pierucci (1990) analisa o protótipo do discurso da diferença tomando por base os estudos da historiadora Joan W. Scott (1986), que utiliza um viés pós-estruturalista e feminista para apontar os riscos da

diferença ao optar por não deixar de fora o potencial analítico que a diferença tem de romper com as formas preponderantes, de afirmar o gênero masculino e deixar o gênero feminino em segundo plano. Além das implicações teóricas e entrelaçamentos dos conceitos de igualdade e diferença, há dificuldades práticas que tais conceitos carregam. A igualdade e diferença não são simples oposições, mas quando bem utilizados podem contribuir com a ruptura de estereótipos, preconceitos e discriminações sociais.

No plano da discussão sobre as implicações práticas da diferença, Pierucci remete ao caso Sears, que será descrito a seguir. Em 1979, a Comissão de Oportunidades Iguais no Emprego (EEOC), do governo dos Estados Unidos, moveu uma ação contra Sears Roebuck and Company (SEA), maior empresa de varejo dos Estados Unidos, acusando a empresa por discriminação sexual em sua política de contratação de mão de obra para os setores onde há maiores remunerações, como os setores que trabalham no ramo de vendas por comissão que, de acordo com a política de contratação da empresa, deveriam ocupar os cargos as pessoas com um perfil mais individualista e competitivo. O julgamento ocorreu entre 1984 e 1985, e duas historiadoras apareciam como testemunhas de acusação e de defesa (ambas tinham conhecimento a respeito da história do movimento feminista). Uma delas, Alice Kessler-Harris (acusação), levantou como ponto de argumentação, o pressuposto de que quando os empregadores dão oportunidades às mulheres, elas costumam aceitar empregos não femininos. Em contrapartida, a defensora da Sears, Rosaling Rosenberg, contra-argumentou que os interesses dos homens e das mulheres são historicamente diferentes, explicando, assim, a diferenciação para a contratação de pessoas que visassem atender ao perfil do setor de comissão de vendas. Alice Kessler-Harris dizia que a falta de mulheres nos cargos concebidos como não femininos era proveniente das atitudes e preferências particulares dos empregadores, caracterizando, assim, a discriminação. A defesa, desde o início, assumiu o ponto de vista das defesas das diferenças, ou seja, visou argumentar que a oferta de empregos para homens ou mulheres, era apenas fruto do resultado de adequá-los a propensões e tendências de cada sexo. Para complementar a tese, Rosenberg apresentou ao júri o livro da historiadora Harris, publicado dois anos antes, na qual a própria assumia a diferença cultural entre homens e mulheres. A resposta da defesa foi bem sucedida e a defesa saiu vencedora no julgamento da ação (OLIVEIRA, 2013). O caso Sears permite constatar, de forma concreta, que as implicações da diferença, certamente não pertencem apenas ao campo teórico e acadêmico, uma vez que o tribunal não costuma perceber as sutilezas teóricas, mas Rosenberg argumentou havia uma

incoerência entre a argumentação da historiadora Kessler-Harris e a ideologia de seu livro.

É fundamental que a ruptura com as ideologias hegemônicas, tenha como horizonte construir alternativas que são significativas para a sociedade, mas sem que haja a necessidade de inverter o paradigma dos detentores do discurso, consumando um outro tipo de ideologia que alimenta posicionamentos autoritários, seja defendendo a igualdade ou a diferença. Ainda cabe destacar as análises sobre a igualdade e a diferença, realizada por Scott (1983) à luz de Derrida. De acordo com Scott (1983), a dicotomia *igualdade-versus-diferença* oculta a interdependência dos dois termos, tendo em vista que a igualdade não é a extinção da diferença e a diferença não impede a igualdade. Desconstruindo essa dualidade, será possível sustentar que os sujeitos nascem *iguais, mas diferentes,* como também afirmar que a *igualdade reside na diferença* (ARAÚJO, 2005). O referencial teórico desconstrucionista utilizado por Scott não visou apenas à focalização da diferença para deixar a igualdade como uma oposição ou ser deixada em segundo plano, a autora visou abordar a diferença enquanto multiplicidade inserida na categoria da igualdade, podendo esta perspectiva, auxiliar na compreensão de culturais locais. O Brasil é um país com diversas comunidades culturais, sendo de suma importância, a formulação de concepções educacionais que abrangem a reconstrução de identidades regionais. Não obstante, há também um processo de hibridização cultural, que torna ainda mais crucial o direito universal de educação, tendo vista os contextos particulares, escutando o que as pessoas demandam e tem a dizer.

Uma das formas de combate à desigualdade social em comunidades carentes e tornar o sujeito emancipado, é a educação, pois traz oportunidades dignas de trabalho e possibilidades para ampliar a capacidade de compreensão das amarras de sua própria cultura ou de outros contextos culturais, ou ainda, em outros termos, como preconizava Nietzsche[3] sobre a formação (*Bildung)* que visava estabelecer uma formação integral para potencialização da vida. Ainda há a noção do cuidado de si – de Foucault – que consiste em práticas de transformações para consigo, para com os outros. De acordo com Pagni (2001), Foucault concebeu genealogicamente a Filosofia Antiga que interpretou o

[3] A relação entre Nietzsche e o Iluminismo, remete a pensar que a igualdade e diferença não são apenas uma oposição, mas podem ser ambivalentes ou podem construir o conhecimento por meio de encontros e desencontros: "No entanto, apesar disso tudo, permanece em Nietzsche um iluminismo mitigado. Ele possui uma relação de proximidade, mas também de crítica, com o tema do autoconhecimento, matriz de tantos humanismos e práticas religiosas de interiorização e de penitência. Teria Nietzsche se descuidado, dado um passo em falso, permanecendo aquém inclusive do iluminismo moderno que ele tanto criticou?" (WEBER, 2009, p. 260).

"conhece-te a ti mesmo" (*gnôthi seautón*) socrático e o cuidado de si (*epiméleia heautoû*), para abordar a consciência de si e os modos de relação entre o sujeito e a verdade na modernidade (PAGNI, 2011). Desse modo, é possível constatar que a construção dos saberes da "Filosofia da Diferença" abarca as aproximações e dissonâncias com filosofias de tradições distintas como a filosofia antiga e o iluminismo.

Por meio dos estudos sobre o cinismo desenvolvidos por Adorno, Deleuze, Pierucci, Sloterdijk e outros autores, é possível compreender as possibilidades e limitações em torno da igualdade e diferença, bem como as implicações para o processo de formação da subjetividade. As dualidades entre as posições de pensamentos no âmbito escolar, tornam cada vez mais complexas as discussões sobre ética e valores na sala de aula – que é um lugar socialmente instituído no espaço físico escolar, em que a relação professor-aluno é permeada por encontros e desencontros, podendo ser transpostos para outros espaços sociais que proporcionem o desenvolvimento de autonomia.

CONCLUSÃO

Neste momento, reservado às considerações finais, apresentamos ao leitor deste trabalho, uma leitura de diversos autores que abordaram questões que foram objeto de nossas preocupações. Dada a natureza panorâmica das categorias igualdade e diferença, não se revelou consistente a opção pela escolha de uma obra filosófica específica ou mesmo delimitar a pesquisa ao âmbito mais estrito desta ou daquela época histórica em particular. Desta forma, abrangência temporal do trabalho foi também longa, já que nossas reflexões nos conduziram pela reconstituição dos caminhos filosóficos e históricos que estudaram os deslocamentos temporais e contextuais dos conceitos de igualdade e diferença.

Percorrendo a trajetória conceitual dos conceitos de igualdade e diferença, se pode constatar uma história secular que os sentidos dos conceitos de transformam, propiciando uma compreensão sob diferentes contextos, assim foi possível confrontar abordagens teóricas diferenciadas e interdisciplinares que levavam a diversos caminhos.

É sabido que, de acordo com a perspectiva incidente nas formulações dos discursos da igualdade, é preciso, por um lado, colocar o foco nas questões subjacentes à igualdade e, por conseguinte, ter em vista o questionamento sobre as

formas de se configurarem si mesmo, ao lutar pela igualdade por meio da promoção dos direitos básicos e combate às desigualdades sociais. A igualdade e a diferença podem coexistir ao se problematizar que a sociedade é fundada na ideia de que os homens, diferentes por natureza ou por cultura, podem ser considerados iguais, isto é considerar todo ser humano em seus direitos e em seus deveres fundamentais.

A recusa dessa declaração de pertencer à humanidade abre a possibilidade dos crimes contra a humanidade, como ensina a história presente. A emancipação do sujeito é uma forma de abarcar o sujeito dentro da igualdade e da diferença para se desprender de opiniões que estão cristalizadas em uma teia social, não permitindo que ele se liberte dessa teia. A educação é uma forma de promover a conscientização crescente, em que os interesses coletivos prevaleçam sobre os individuais, na qual os sujeitos possam ser detentores de sua própria história, escrevendo-a coletivamente. Assim, é possível repensar as práticas atuais, para construir uma sociedade que leve em consideração às diferenças de grupos sociais, mediante políticas que preconizem a igualdade.

À vista do exposto, pode-se concluir que a igualdade e a diferença são conceitos distintos em suas respectivas tradições de pensamentos e no modo como seus diferentes conteúdos são apresentados, porém seus conceitos podem ser cocriados pela continuidade entre suas ideias. Por fim, seria admissível enfatizar o fato de que o conhecimento se processa, muitas vezes, pelo entrelaçamento de conceitos e problemas de teorias diferentes. Portanto, ao caracterizar a igualdade e a diferença como uma dialética e não como uma dicotomia, pode-se abrir perspectivas para pensar as diferenças inseridas em uma categoria maior, na qual cada comunidade, poderia ter em vista que a educação e a liberdade são direitos de todos, pois todos somos humanos. Assim sendo, ao refletir sobre a realidade, também se trata de um exercício de transformação pessoal, no sentido de uma experiência que tem a função de abrir-se ao outro para transformá-lo e se transformar, sem que seja necessário ser igual a esse outro, visto que a relação com outro é imprevisível, podendo estar marcada por diversas formas igualdade e diferença.

Referências

ADORNO, T. **Dialética** negativa. Trad. J. María Ripalda. Madrid: Taurus, 1984.

ARAÚJO, M. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 41-52, 2005.

BUENO, S. Em torno da diferença: uma confrontação entre Adorno e Deleuze. **Educação em Revista**, p.1-19, 2017.

DELEUZE, G. **Proust e os signos**. Trad. A. C. Piquet; R. Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora, 2007

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Tradução de M. S. C. Schuback. Petrópolis, RJ/Bragança Paulista, SP: Vozes/Editora Universitária São Francisco, 2005.

KUSCH, R. **La seducción de la barbarie: análisis herético de un continente mestizo**. Buenos Aires: Raigal, 1953.

LOPARIC, Zeljko. Além do inconsciente: sobre a desconstrução heideggeriana da psicanálise. **Revista Natureza Humana, São Paulo**, v. 3, n. 1, p. 91-140, 2001.

OLIVEIRA, P. Revisitando as Ciladas das Diferenças. **Revista de Estudos da Religião**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 25-41, 2013

PAGNI, P. Formação humana e cuidado de si: um encontro explosivo ou a possibilidade de pensar de outro modo a racionalidade e a ética na educação? **Revista Espaço Pedagógico, Passo Fundo**, v. 18, n. 2, p. 309-323, 2011.

PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução**, São Paulo: Autêntica, 2000

PIERUCCI, A. Ciladas da Diferença. **Tempo Social - Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 7-33, 1990.

SAFATLE, V. **Cinismo e falência da crítica**. São Paulo: Boitempo, 2008.

SCOTT, J. **Gender and the politics of history**. New York: Columbia University Press, 1998.

SLOTERDIJK, P. **Crítica da razão cínica**. Tradução de Marco Casanova et al. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

SLOTERDIJK, P. **Has de cambiar tu vida**. Valência: Pre-textos, 2012b.

TURKLE, S. Whither psychoanalysis in computer culture? **Psychoanalytic psychology**, v. 21, n. 1, p. 16-30, 2004.

VASCONCELOSS, M. **Cadernos de Psicanálise**, Rio de Janeiro, v.25, n.28, p. 56-74, 2009.

WEBER, J. Singularidade e formação (Building) em Schopenhauer como educador de Nietzsche. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.35, n.2, p.251-264, 2009.